

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
da
COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com
email : ceclx @sapo.pt

ANO 40 2024 N.º. 257

SETEMBRO - OUTUBRO

(Não aderimos ao último acordo ortográfico)

	*	Índice	Página
Administração, Composição e Impressão Rua das Pedralvas, n.º. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217647441 *		Editorial	2
		Recordando A. Kardec	4
		Domesticação dos instintos...	5
		Existe o mal feito?	15
		O Espiritismo e o elefante	19
Direcção Manuela Vasconcelos		O relacionamento e o amor	22
		Bem-Aventurados...	25
		Caridade essencial	27

*

*

EDITORIAL

Todos os anos nós, que há vários anos nos encontramos aposentada, recebemos o mês de Agosto – quando não suspiramos antecipadamente por ele – como aquele mês em que podemos respirar sem a preocupação de cumprirmos horários, de prepararmos trabalhos, de termos de pensar que temos de nos arranjar um pouco melhor por ser dia de recebermos os Irmãos que vão assistir aos trabalhos que realizamos no nosso Centro. É o mês em que podemos, ainda, visitar os nossos amigos ou familiares mais distantes, “matando” aquela saudade que a distância alimenta e nenhuma conversa através da internet consegue satisfazer!

E é ainda e também o mês em que intentamos melhorar ou reparar o aspecto da nossa Casa, seja através de pinturas ou trabalhando e ocultando qualquer outra falha que tenha surgido ao longo dos meses que passaram.

Este ano não foi diferente, embora não tivesse corrido como imaginávamos: não conseguimos, apesar de muito procurarmos, não conseguimos encontrar um pedreiro que nos fizesse a reparação de uma parede da sala do Evangelho, de maneira que, pela primeira vez em todos estes anos, vamos reabrir o Centro com uma parede não reparada devido às infiltrações que foram acontecendo ao longo do ano!

É triste isto acontecer, e é triste não só pelo aspecto feio daquela parede como por concluirmos que, apesar das muitas

lamentações escutadas sobre a falta de trabalho que acontece no nosso País, quando é necessário um “artista” para determinada reparação, ele nunca aparece!

Então, apesar de todos os nossos esforços – nós que nunca viramos a cara ao trabalho que nos surja no caminho – vamos continuar com aquela parede não só por reparar como, ainda, em risco de ver aumentar aquela mesma deficiência, por não ter sido eliminado ou reparado o que, reconhecemos, necessitava de reparação.

*

Vamos reabrir iniciando logo na 2ª semana um curso de mediunidade, de maneira a prepararmos aqueles irmãos necessitados de conhecimento para poderem dedicar-se lucidamente à sua tarefa e dádiva mediúnicas.

O nosso conhecimento, adquirido ao longo dos anos, afirma-nos que nem todos estão preparados para se doarem, no auxílio àqueles que sofrem e necessitam de paz e luz... mas a nossa esperança é sempre a de que, com o passar dos tempos, eles sintam o amor pelos irmãos sofredores e que aquilo que aceitem como obrigação passe a ser, depois, devoção, carinho, amor. Então, que o novo ano de tarefas que vamos iniciar possa ser, ao longo dos meses, um ano de promessas de amor, de dádivas de Amor, de estudo, de paz e equilíbrio para todos os tarefeiros - não só da nossa Casa como de todas as Casas Espíritas onde Jesus reine – Ele que também nos ensinou o Amor!

A DIRECÇÃO

RECORDANDO ALLAN KARDEC NO ANIVERSÁRIO DA SUA REENCARNAÇÃO

(O Evangelho Segundo o Espiritismo))

Kardec ante o correio, estuda, anota e pensa...
Cartas vertem clamor do cesto pando e covo.
Sempre o mal a surdir em sinistro renovo,
Crime, sombra, paixão, calúnia, golpe, ofensa...

Nisso, escuta uma voz na dor da alma suspensa:
- Enxuga, filho meu, as lágrimas do povo!
Esclarece, renova, escreve um livro novo
Que console o infortúnio e dissipe a descrença!

Súbito, vê Jesus na solidão da sala!
Quer protestar-lhe amor, o peito se lhe estala,
Esmorece-lhe o verbo em sereno mutismo!

E ali mesmo a chorar em júbilo profundo,
Toma a pena e inicia o Evangelho, segundo
A palavra do Mestre à luz do Espiritismo!

CONSTÂNCIO ALVES

(Psicografia do médium Waldo Vieira em 16/5/64 e publicado no Anuário Espírita de 1965).

+

DOMESTICAÇÃO DOS INSTINTOS AGRESSIVOS

À medida que o *ego* consciente dos valores ínsitos no *Self*, torna-se factível uma programação saudável para o comportamento.

*Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação Moral e pelos esforços que emprega para **domar** suas inclinações más.* – Allan Kardec ¹

Estudando a história dos povos, não ficará difícil concluir que a génese dos instintos agressivos – à solta nos dias actuais – se mescla á génese do próprio homem, portanto, perde-se na noite dos tempos!... Na frase em epígrafe, observemos que Kardec usou o verbo “**domar**”. E ele estava (como sempre), coberto de razão, porque para revertermos os instintos agressivos em “*atitudes educadas*” há que se empregar ingentes esforços de auto domesticação. E caso não venhamos a tomar a iniciativa por nós mesmos, os mecanismos divinos passarão a agir tal como ensina Lázaro ao nos admoestar²: “*(...) ai do espírito preguiçoso, ai daquele que cerra o seu entendimento! Pois nós, que somos os guias da humanidade em marcha, lhe aplicaremos o látigo e lhe submeteremos a vontade rebelde, por meio da dupla acção do freio e da espora*”.

Joanna de Ângelis³ leva-nos a uma viagem às abissais e ignotas profundezas do “*Self*”, onde estão firmemente implantadas as raízes dos instintos agressivos, mostrando-nos como extirpá-los. Segundo a nobre Mentora, “uma psicoterapia eficiente libera o paciente não só dos conflitos,

mas também das paixões primitivas, que passam a ser direccionadas com equilíbrio, transformando os impulsos inferiores em emoções de harmonia. As imagens arquetípicas que emergem do inconsciente pessoal, heranças algumas dos *instintos agressivos* que predominam na natureza humana, resultantes do processo antropossocio-psicológico, tornam-se diluídas pela razão, num trabalho de conscientização das *suas inclinações más* e imediata superação, conforme acentua Allan Kardec, o ínclito Codificador do Espiritismo.

Essas *inclinações más* ou tendências para atitudes primitivas, rebeldes, perturbadoras do equilíbrio emocional e moral, são heranças e atavismos insculpidos no *Self*, em razão da larga trajectória evolutiva, em cujo curso experienciou o primarismo das formas ancestrais, mais instinto que razão, caracterizadas pelos impulsos automáticos do que pela lógica do discernimento. Impregnando o *ego* com a sua carga de paixões asselvajadas, necessitam ser trabalhadas com afinco, a fim de que abandonem os alicerces do inconsciente, no qual se encontram, e possam ser dissolvidas, substituídas pelos mecanismos dos sentimentos de amor, de compaixão, de solidariedade...

(...) À medida que o *ego* se faz consciente dos valores ínsitos no *Self*, torna-se factível uma programação saudável para o comportamento, trabalhando cada dificuldade, todo desafio, mediante a reconciliação com a sua verdade eterna. Os fenómenos que parecem obstar o processo de maturação psicológica, cedem lugar aos estímulos pelas conquistas que se operam, emulando a novas realizações edificantes que enriquecem de alegria os relacionamentos familiares, sociais e humanos em geral. É uma forma de o paciente desencarcerar-se dos impulsos perniciosos, que somente contribuem para

asselvajar-lhe os sentimentos e emparedar-lhe as aspirações no estreito espaço das ambições tormentosas.

(...) A necessidade de trabalhar as tendências primárias, os instintos dominantes e primitivos, torna-se imprescindível em todos os indivíduos. Todo esse património psicológico ancestral que nele permanece, constitui-lhe patamar inicial do processo para a aquisição da consciência, que não pode ser violentado, sem graves prejuízos, no que diz respeito a outras manifestações que fazem parte da realidade dos próprios instintos. Essa batalha íntima se faz possível graças aos estímulos que decorrem dos primeiros resultados, quando são vencidas as etapas iniciais da luta interna que se processa com naturalidade. Como não se podem preencher espaços ocupados, faz-se imperioso substituir cada impulso perturbador por um sentimento enobrecido, ampliando a área de compreensão da vida e disputando a harmonia no cometimento da saúde.

Merece seja evocada, novamente aqui, a já analisada sábia proposta de Krishna ao discípulo Arjuna, conforme narrada no *Baghavat Gita*, quando o primeiro lhe refere que, na sua condição de príncipe *pândava* terá que lutar com destemor contra os *familiars* do grupo *kuru*, mesmo que esses sejam numericamente maiores. Não obstante o jovem candidato à plenitude desejasse a paz, foi tomado de temor por considerar que lhe seria impossível combater os demais membros da sua *família*, gerando uma tragédia de grande porte. Ademais, ignorava onde seria essa batalha vigorosa. Mas o mestre, compassivo e sábio, admoestou-o, informando que se tratava de *familiars*, sim, porque procedentes da mesma raiz, mas que os *pândavas* eram as virtudes enquanto

os *kurus* eram os vícios, nesse inter-relacionamento que se estreitava na causalidade dos fenómenos, mas que a vitória, sem dúvida, seria daqueles valores nobres enquanto que a luta teria que ser travada no campo da consciência... Esse momento do despertar da consciência para a realidade do *Si*, também significa a alegria de reconhecer a necessidade de libertar-se das paixões dissolventes, geradoras de tormentos.

Indubitavelmente, o passado programou no ser as necessidades da sua evolução, apontando-lhe uma finalidade, um objectivo que deve ser alcançado mediante todo o empenho da sua inteligência e do seu discernimento. Deixando de lado os impulsos meramente instintivos que o vêm guiando através dos milénios, agora desperta para a razão, descobrindo a essencialidade da vida, que nele próprio se encontra como tendência inapelável – o seu destino – que é a harmonia, a plenitude ambicionada... É inevitável que, durante essa trajectória, repontem as dificuldades, hoje ameaçadoras, que fizeram parte das conquistas pretéritas, e, no seu momento, foram os mecanismos de sobrevivência e de vitória do ser em relação ao meio hostil e aos semelhantes primitivos que o buscavam dizimar.

Vencendo as impressões que permanecem no ontem, o seu vir-a-ser desenha-se atraente e enriquecedor, por propiciar-lhe metas idealistas que irão desenvolver os sentimentos e a inteligência, encarregados de seleccionar os recursos que o podem impulsionar para a conquista da saúde integral e do equilíbrio social.”

Nosso confrade psicólogo, Adenauer Novaes, nos oferece⁴ ricos subsídios para o trabalho íntimo de erradicação

dos instintos agressivos, e o segredo está no desenvolvimento da nossa Inteligência Emocional. Segundo Novaes, existem vários tipos de inteligência. A partir do conteúdo da questão número vinte e quatro de “*O Livro dos Espíritos*”, na qual os Benfeitores Espirituais afirmam que “*a inteligência é um atributo essencial do Espírito*”, o autor revela que a pobreza de nossa compreensão e da linguagem não nos permite maiores descortinos acerca da essência do Espírito, mostrando que o mesmo acontece com o conceito da palavra “*inteligência*”.

Sobre a inteligência, explica Novaes⁴: “(...) por muito tempo se considerou a inteligência como o atributo principal para designar o máximo da capacidade do ser humano em face do mundo e seus desafios. A palavra resumia tudo o que se queria afirmar a respeito da capacidade de cada ser humano no que diz respeito às suas aptidões intelectuais. Mas, em absoluto, ela não consegue resumir todas as qualidades nem a diversidade da natureza humana. As capacidades intelectivas humanas não mais podem se resumir à palavra inteligência. Ela encerra apenas o domínio lógico-matemático e linguístico-verbal da mente humana. O Espírito, na riqueza de sua evolução e na complexidade de suas potencialidades tem mais do que a inteligência, como muito bem colocaram os Espíritos na Codificação ao afirmarem que ela é apenas um dos atributos do Espírito. Como a ciência da época não valorizava outras formas de manifestação das capacidades psíquicas do ser humano, confundia-se o Espírito com a inteligência. Mas hoje, após estudos e novas formas de percepção e valorização das capacidades humanas, podemos afirmar que a inteligência em todas as suas manifestações é apenas um dos muitos atributos do Espírito. O domínio das inteligências, pertencente ao Espírito, ainda se encontra de tal forma concebido como um

carácter cerebral que não se avança na percepção da totalidade e da realidade psíquica da pessoa. A ciência teima em atribuir ao cérebro os potenciais que pertencem ao Espírito, que se utiliza daquilo que sua estrutura física possibilita manifestar.

A denominação de inteligência obedece a uma época em que faltavam termos para se definir as capacidades do Espírito. Talvez ainda faltem, porém é fundamental entender que a falta não se deve à linguagem, mas ao aprisionamento e paradigmas mecanicistas e estritamente vinculados a uma concepção materialista e utilitarista de enxergar o ser humano. As inteligências definidas pela ciência como capacidades intelectivas, longe de serem meros campos de avaliação do saber, se aproximam, embora de forma acanhada, das faculdades do Espírito.

Poderíamos redefinir inteligência como uma aptidão do Espírito, que resume grande número de funções independentes, tais como: imaginação, memória, atenção, conceituação e raciocínio, dentre outras... Ela resulta da aprendizagem através da formação de hábitos oriundos dos condicionamentos reflexos bem como da livre expressão do Espírito na utilização do seu livre arbítrio. É uma função complexa de adaptação ao mundo onde a consciência se torna cada vez mais capaz de compreender, criticar e decidir sobre uma nova situação. Inteligência é a capacidade de ordenar, organizar e utilizar os pensamentos e emoções em proveito próprio, é a capacidade de reunir procedimentos adequados para fazer coisas; é a capacidade de resolver problemas ou de criar situações que sejam valorizadas dentro de um ou mais cenários culturais.

Desviando a concepção de inteligência como algo ligado ao raciocínio e ao conhecimento intelectual, Gandhi dizia que “os únicos demónios deste mundo são os que circulam em nossos corações. É aí que a batalha deve ser travada.” Na mesma esteira de Gandhi, Antoine de Saint-Exupéry, em “O Pequeno Príncipe”, afirma que “é com o coração que se vê correctamente; o essencial é invisível aos olhos.” Um e outro procuram colocar que existe algo mais além do que a inteligência quer significar. Há capacidades emocionais que fogem do domínio daquilo que se conhece com o nome da inteligência”.

Os famosos testes QI, em razão do amplo leque das potencialidades humanas, se mostram inócuos, uma vez que não podem abranger toda essa superlativa gama de potencialidades; portanto, são ineficazes para medir a inteligência e as aptidões do Espírito.

Segundo ainda o psicólogo Adenáuer, os testes de QI abrangem parcialmente apenas duas inteligências: a inteligência linguística ou verbal (do domínio da fala) e a inteligência lógico-matemática (do cálculo, da percepção algébrica). Mas existem outras inteligências, além dessas duas, como por exemplo: a inteligência musical, a inteligência corporal-cinestésica, a inteligência espacial, a inteligência intrapessoal, a inteligência interpessoal, a inteligência intuitiva e a Inteligência Emocional. Nesta última, está a nossa grande aliada para a domesticação dos instintos agressivos. Aprendamos com Adenáuer⁴ o que é, afinal, a

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

A Inteligência Emocional é a capacidade de reconhecer sentimentos e aplicá-los eficazmente como uma energia em favor da sobrevivência, adaptação e crescimento pessoal. É a capacidade de sentir, entender e aplicar eficazmente o poder e a perspicácia das emoções como uma fonte de energia, informação, conexão e influência humanas.

Mahatma Gandhi dizia, demonstrando ter integrado seus defeitos e chegado ao equilíbrio e à harmonia espiritual desejável a qualquer ser humano: “sou um homem mediano com uma capacidade menos que mediana. Admito que não sou intelectualmente brilhante. Mas não me importo. Existe um limite para o desenvolvimento do intelecto, mas nenhum para o do coração.”

O desenvolvimento da inteligência emocional se dá com o aparecimento da *empatia*, que é a capacidade de se identificar com o outro, sentindo o que ele sente. Isso pressupõe: compreensão, tolerância e paciência. A Inteligência Emocional compreende: autoconhecimento, administração de humores, auto motivação, educação do impulso e sociabilidade.”

Para melhorar a nossa *Inteligência Emocional* e despertar os potenciais criativos interiores que a fortalecem, devemos, segundo ainda o nosso confrade Adenáuer, tomar as seguintes atitudes⁴: não nos aborrecer com coisas pequenas; cultivar optimismo e entusiasmo, que significa ter Deus dentro de si; cultivar a persistência objectiva; desenvolver a própria singularidade (estilo pessoal) e a simplicidade; *sempre* reconhecer os erros; saber ouvir e escutar o outro; aprender a fazer distinção entre os actos e a pessoa que os pratica; olhar

nos olhos da pessoa com quem falar; acreditar naquilo que disser; reconhecer e sentir a emoção, não negá-la ou minimizá-la; cultivar a amorosidade, a humanização e a compaixão...

Para tornar realidade a nossa Inteligência Emocional, devemos considerar que qualquer derrota é aprendizado importante tanto quanto a vitória. Persistir em busca de alternativas diferentes para os problemas aparentemente insolúveis, sem se atribuir incompetência. Além dos objectivos imediatos e mais próximos, devemos desenvolver internamente a crença num objectivo global para a vida como um presente de Deus. Considerar importante planejar, organizar e responsabilizar-se por tudo que ocorre na própria vida. Aprender a guiar-se pela razão e pelos sentimentos, buscando alternativas que conciliem essas possibilidades. Estimular em si mesmo, no próprio carácter, os aspectos mais puros e nobres que possui. Amar a simplicidade, as pessoas, a si mesmo e a vida.

Fundamental, é desenvolver a auto estima. Para tanto, não é preciso nada de excepcional na personalidade. É suficiente considerar-se filho de Deus e, portanto, detentor de habilidades mínimas para o desempenho adequado na arte de viver; cultivar a segurança física, valorizando adequadamente o corpo, não se sentindo intimidado ou com medo da vida, ter sua crença pessoal sobre a própria origem divina; ter a certeza de que a própria vida tem significado e uma direcção definida; buscar não se perturbar com pequenas derrotas, consciente de que melhorará o próprio desempenho na próxima vez; não permitir que a própria ansiedade atrapalhe o preparo para enfrentar novas provas; enfim, cultivar a simpatia.

(...) As emoções são reconfigurações do Espírito. O uso da inteligência não deve se limitar a conhecer os objectos ou mesmo servir para lhes caracterizar com nomes ou utilidades. Ela representa aquisição superior do Espírito e deve ser colocada a serviço do amor, sem o qual se torna ferramenta inútil e perigosa.

A Inteligência Emocional, ou a capacidade de administrar afectos, emoções e sentimentos, é o factor mais importante da evolução do Espírito, em seu actual estágio do planeta. Essa aquisição possibilitará a percepção de leis transcendentais que o capacitarão a alcançar limites fora do sistema solar.”

1 – KARDEC, Allan. *O Evangelho Seg. o Espiritismo*, 129 ed. Rio (Rio de Janeiro); FEB, 2009, cap. XVII, item 4, § 5º;

2 – Idem, ibidem, cap. IX, item 8, § 2º;

3 – FRANCO, Divaldo. *Triunfo Pessoal*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis, Salvador; LEAL, 2002.

4 – NOVAES, Adenauer. *Psicologia do espírito*. Salvador: FLH, 2000, cap. “inteligência”.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais. Brasil)

*

EXISTE O MAL FEITO?

Será possível alguém “encomendar” aos espíritos uma carga de males para prejudicar a terceiros, a quem odeie, que sejam seus desafectos, de quem se queira vingar?

Para responder a esta pergunta convém lembrar primeiramente que:

- nós somos espíritos tanto quanto os que já não habitam mais este mundo; a diferença é que eles não estão ligados a um corpo físico;

- tanto eles como nós podemos agir no campo fluídico (espiritual) e no campo físico (material), sobre os seres e sobre o meio ambiente;

- a acção se dá pelo pensamento e pela vontade, podendo os efeitos serem bons ou maus, conforme o impulso que lhes dá origem;

- aqui como no plano espiritual , a lei que rege o relacionamento dos seres é a mesma; a atracção dos semelhantes, a afinidade, a identidade de objectivos e interesses.

Feitos estes lembretes, podemos afirmar, em resposta à indagação que dá título a esta página: sim, é possível alguém encarnado aliar-se a um ou mais espíritos para produzir o mal contra uma terceira pessoa.

O que produzirá o mal, não será a forma material utilizada, os objectos usados para o “despacho” mas os pensamentos e sentimentos emitidos antes, durante e depois da sua preparação. O que age não é a matéria inerte e, sim, o espírito encarnado, ou o desencarnado ou ambos. É o espírito que impregna de fluídos (maus, neste caso) os objectos e endereça pensamentos destruidores sobre a pessoa visada.

A pessoa visada será atingida pelo “mal feito”?

A mensagem chegará até ao destinatário. Este, contudo, não é fatalmente obrigado a aceitá-la. Embora sinta o impacto perturbador, poderá neutralizá-la se alimentar bons sentimentos e pensamentos, concretizados numa vida digna, cristã; é a defesa natural ensejada a todas as criaturas. Poderá, ainda, merecer a protecção, a ajuda dos bons espíritos para a superação dos efeitos da carga maléfica que lhe tenha sido endereçada.

Se, porém, a pessoa não cultiva em si mesma as forças do bem, não saberá como reagir, não terá forças para repelir as sugestões perturbadoras, passando a sofrer-lhes intensamente os efeitos.

Até quando? Até que os efeitos atinjam o seu limite natural e comecem a diminuir ou venham a cessar. Até que se decida a uma renovação para o bem, movimentando suas próprias forças espirituais para reequilibrar-se. Até que venha a receber um auxílio exterior, pela intervenção de amigos, encarnados ou não.

Por que Deus permite que isso aconteça?

Nada no Universo se processa ao acaso. Há leis que regem a vida e a evolução dos seres. A fundamental é a acção e reacção, dentro da qual está a própria lei do amor que, se accionada, nos dará resultados muito compensadores.

Se, pois, no mundo em que vivemos ainda estamos expostos a que seres encarnados e desencarnados se unam para nos procurarem atingir, prejudicialmente, é porque ainda precisamos dessas experiências, ou porque ainda merecemos a acção deles sobre nós.

Quando aprendermos a manter um estado de alma equilibrado sempre, sem mais possibilidades de ceder aos impactos perturbadores, aqui ou no Além, estaremos vitoriosos e em paz.

E não nos prendamos na observação dos aspectos sofredores do intercâmbio mediúnico, porque, em verdade, da mesma forma que os maus, os bons espíritos também podem se unir a nós, e nós a eles, para a realização, se quisermos, de muito “bem feito” sobre a Terra.

E aos que fizeram o mal nada acontece?

Quem faz o mal lesa primeiramente a si mesmo, porque todo o que pensa e deseja movimenta em primeiro lugar o seu próprio ser (mente, perispírito, fluidos). Não conseguimos atingir a outros sem, antes, haveremos prejudicado a nós mesmos.

Além disso, haverá, ainda, a volta, o retorno das acções trazendo para quem agiu o resultado, a colheita das reacções obtidas.

Disse Jesus: “**É preciso que o escândalo venha mas ai daquele por quem ele vier.**” Sem dúvida, neste mundo de expiações e de provas que é a Terra, ainda por muito tempo haverá necessidade de pagarmos sofrendo e aprendermos chorando as leis da vida. Ai, porém, daquele que se faça instrumento dessa dor e desse pranto, porque os acarretará para si mesmo.

TEREZINHA OLIVEIRA

Fonte: “Estamos Unidos”, 1ª edição; ed. “ABC do Interior”, 1984.

(Transcrito da revista brasileira INFORMAÇÃO, de Vila Mariana, S. Paulo, Maio de 1985).

Nota: Terezinha Oliveira foi colaboradora dirigente do Centro Espírita Allan Kardec, de Vila Nova, Campinas, SP.. . Foi ainda escritora, com diversos livros publicados sobre a Doutrina Espírita. Desencarnou, fez agora no mês de Julho, três anos.

*

*Usa, cada hora, o gesto espontâneo da fraternidade
Imperceptível e os teus singelos depósitos
aparentemente insignificantes, capitalizarão, em teu
benefício, um Tesouro de glórias do Céu. –
EMMANUEL.*

O ESPIRITISMO E O ELEFANTE

A HISTÓRIA É ANTIGA. Talvez você a conheça. Mas é sempre interessante lembrá-la e relacioná-la com o Espiritismo. Vejamo-la.

Um caçador trouxe para o rei do seu país um estranho animal que ele capturara em terras distantes. O rei, com receio que o presente fosse um novo cavalo de Tróia, enviou alguns emissários cegos (isso mesmo, cegos!) para examinarem o brinde. Se fosse algo inofensivo, ele aceitaria de bom grado a recordação.

Um emissário segurou o animal pela cauda e achou que era uma corda! Outro, abraçou-se com a pata do bicho e julgou ser um tronco de árvore! Um terceiro agarrou-se à orelha do animal e pensou que fosse um enorme abano, um leque gigante! Um outro apalpou a pele do bicho e concluiu fosse uma grande parede áspera!

Cada qual com a sua visão (sic) voltou à presença real e externou a sua opinião. O rei, espantado, exclamou sem paciência: - Mas que diacho de animal é este que é ao mesmo tempo uma corda, um tronco de árvore, um leque e uma parede? Vou ter que ver com os meus próprios olhos... Seja o que Deus quiser!

Foi vê-lo e viu que o presente era apenas um inofensivo elefante...

Não parece, mas a Doutrina Espírita tem sido “um elefante branco” na vida de muita gente.

Uns o encaram como, simplesmente, um facto mediúnico. Haveria facto mediúnico e ali haveria Espiritismo. Nada mais falso! O elefante tem tromba mas não só a tromba é que constitui o elefante!... Em Espiritismo há, sim, o facto mediúnico. Em Espiritismo o mediunismo até se transforma em mediunidade, porque é utilizado em benefício real do semelhante, encarnado ou desencarnado, orientando-o, consolando-o. No entanto, o facto mediúnico, em Espiritismo, é um meio, é um instrumento, é uma ferramenta de trabalho. Não é o fim, não é a finalidade maior do Espiritismo, já que o seu objectivo é a reforma moral do indivíduo, é o alargamento de nossos horizontes, é a melhor compreensão das leis de Deus, é a vivência dos ensinamentos eternos de Jesus.

Outros o consideram apenas o evangelismo. Sem dúvida, o Espiritismo de Jesus ocupa lugar proeminente em Espiritismo. A Doutrina Espírita veio exactamente para explicar a mensagem de Jesus. Veio para chamar a atenção da Humanidade para a necessidade de a gente observar as palavras e os exemplos legados por Cristo há vinte séculos passados. Então, há Evangelho em Espiritismo.

Mas o Espiritismo tem também um aspecto científico e um outro aspecto filosófico que não podem ser ignorados, que não podem ser postergados. Temos de estudá-los, de levá-los em conta, mesmo porque só assim entenderemos melhor a própria mensagem evangélica dos ensinamentos eternos de Jesus. O elefante tem marfins mas não é só os marfins. É o marfim e algo mais amplo, mais abrangente...

Outros dilectos companheiros se apegam ao aspecto religioso do Espiritismo. E o fazem de um modo tão emocional que querem, inclusivé, transplantar para o seio da prática espírita certos actos ritualísticos, como batizados, casamentos, etc.... ao molde de outras coisas religiosas. É claro que respeitamos profundamente as demais seitas religiosas do mundo. O Espiritismo defende a liberdade religiosa.

Cada criatura há-de seguir esta ou aquela outra religião onde se sinta melhor. No entanto, é dar prova de incoerência doutrinária tentarmos introduzir culto exterior no Espiritismo, quando em matéria de Espiritismo não há de modo algum nenhuma espécie de culto exterior.

Dependendo, naturalmente, do momento que vivemos, talvez tenhamos mais afinidade por um aspecto do Espiritismo. A alguém que perde um parente, um amigo, um familiar num acidente, num acto violento, nas garras de um mal súbito – talvez agrade mais uma palavra amiga contida numa comunicação evangélica.

A alguém que goste de ler textos científicos, mais que natural a predilecção para as obras de um Bozzano, de um Flammarion, de um Delanne. E há aquele que gostará mais da prática da mediunidade... Aquele outro que apreciará a assistência social aos mais carentes... O que se sente verdadeiramente feliz proferindo palestras... Escrevendo para os jornais espíritas...

É tudo uma questão de momento ou de tendência individual. No entanto, assim como o elefante não é apenas as

patas, ou a pele áspera, a longa tromba, os afiados marfins, assim como o elefante é tudo isso e mais ainda – de igual modo devemos encarar o Espiritismo não por uma só de suas partes, por um único ângulo, que isso nos levaria a uma visão parcial e viciosa.

O Espiritismo é algo mais abrangente, mais amplo, muito maior do que muitas vezes a gente imagina à primeira vista. É bom nunca perder isto de vista.

CELSO MARTINS

(In: Jornal Espírita brasileiro O SEMEADOR, de 16 a 31/5/1984. Transcrito da n/Revista COMUNHÃO, de Março/Abril de 1985).

*

O RELACIONAMENTO E O AMOR

Há alguns anos atrás, escrevendo para uma jovem que intentávamos orientar, grafamos a frase “**dá amor ainda que em troca de nada**”, que reconhecemos de imediato não ser nossa dado que, de momento, estávamos muito longe de escrever sobre o amor embora a nossa correspondente se queixasse do isolamento que sentia à sua volta, parecendo-lhe não ser estimada por ninguém.

A frase ficou-nos e, não poucas vezes, nos anos que se seguiram ela nos acudiu à mente, até mesmo quando pensávamos que o querer que procuramos sempre manifestar

por uns e por outros não parecesse ter correspondência por parte dos nossos interlocutores.

Hoje, as mesmas palavras vieram-nos de novo à mente, não como o conselho que se não faz necessário mas, talvez, a lembrar-nos que o facto de nós procurarmos amar indistintamente a todos os que de nós se aproximam não significa que encontremos, nos outros, correspondência igual.

Às vezes, mediante o comportamento de uns e outros, apetece-nos perguntar: - Amar é assim tão difícil, para que algumas pessoas manifestem constantemente no seu relacionamento com terceiros, uma agressividade que, a manifestar-se fisicamente, com certeza feriria a uns e a outros deixando marcas talvez constantes, como pequena cicatriz de que não conseguíssemos apagar a marca?

E, no entanto, aqueles que se habituaram a colocar o amor em todas as suas atitudes, vivem uma paz tão doce que só desejariam que todos, mas todos, a pudessem igualmente sentir!

“O Amor é de essência divina”, - afirma-nos (esclarece-nos) Fénelon, no nº. 9 do capítulo XI de ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, acrescentando ainda que “desde o mais elevado até ao mais humilde, todos vós possuís, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado.”

Porque o sabia e assim o sentia foi que Jesus o exemplificou e recomendou a todo o povo rude que o seguiu, aparentemente incapaz de O compreender mas sabendo, no seu íntimo, que o Divino Amigo aconselhava aquilo que sabia ser

o melhor para cada um, de tal maneira que, no monte Calvário, prestes a desencarnar, Dimas se volta para Ele a pedir-Lhe que não se esquecesse dele. Questão de fé ou o reconhecimento do valor do Homem diferente de todos os outros que o ladrão conhecera até então?

“Se tiveres fé como um grão de mostarda...”, e o que é a fé senão a manifestação do amor que já somos capazes de sentir e vivenciar? Por que a fé, a fé verdadeira, ela está sempre assente nesse sentimento maravilhoso que Deus deixou em nós ao criar-nos, para que o fossemos desenvolvendo e vivenciando conforme fossemos evoluindo – ou seja, fossemos crescendo para o Pai.

Pedro, na sua 1ª Epístola, afirma que *“O amor cobre a multidão dos pecados”*, e quem, melhor do que ele, para o reconhecer depois de ter negado a Jesus por três vezes e por Ele ter sido perdoado?

Se se analisar a conduta daqueles que amam e, o motivo porque o fazem, com certeza se encontra sempre uma justificação em todas as atitudes erradas dos que não o fazem; que vemos nos primeiros? Uma tolerância, um perdão que podemos afirmar ser constante! Mediante essa conduta poderemos afirmar que quem ama perdoa sempre, ou teremos de ir mais longe no nosso reconhecimento e dizermos, sem qualquer espécie de dúvida, que quem ama não questiona o perdão, pois este está sempre presente em todas as suas atitudes!

Se cada um de nós está ligado ao Divino, por sermos todos criaturas de Deus, o amor que cada um for sendo capaz

de sentir e viver – amor sentimento e não amor relacionamento – é, ainda e também, uma manifestação do sentimento que o Pai deixou em nós quando nos criou.

Amar por amar, sem restrições e plenamente, significará, então, sermos já capazes de viver mais puramente o sentimento que nos liga a Deus. Talvez, para que mais depressa o reconhecêssemos, Jesus tivesse recomendado: *Amem-se uns aos outros, como Eu vos amei.*

Quando aprenderemos a amar como Ele?

MANUELA VASCONCELOS

*

BEM AVENTURADOS...

Talvez, depois destas palavras a falar de amor, que acabámos de escrever, fique bem recordar os Bem-aventurados – não os do Sermão do Monte mas uns outros, que alguém escreveu, lembrando talvez aquelas palavras de Jesus.

São uns “Bem-Aventurados” que “descobri” num panfleto de um lar de velhinhos, e que me tocou de tal maneira que resolvi referir aqueles. Porquê? Porque aquelas palavras fizeram-me pensar nas dores dos mais velhinhos, às vezes dobrados sobre si mesmo, sem forças para se locomoverem mas tentando cumprir com aquilo que os outros, os são, lhes dizem que têm de fazer; às vezes, cerrando os olhos para que não vejam as dores que estão a sentir e não querem manifestar, mas pensando – quem sabe? – no tempo em que foram mais

novos, corriam e brincavam sem que o corpo se queixasse do esforço que lhe estavam a exigir; talvez... porque precisassem de um medicamento que aliviasse o seu sofrimento e não sentem, sequer uma mão amiga a acarinhá-los, como acontecia quando foram criança e caíram e a mãezinha de cada um dava logo “um beijinho para a dor passar!”. A maior dor será sempre a dor da saudade, e nas suas palavras, a tristeza de uma solidão que nenhuma presença consegue fazer desaparecer... E pensando neles e lendo estas ‘Bem-aventuranças’ senti que eles, os ‘inúteis’, os ‘incapazes’ é que são os bem-aventurados enquanto nós outros, que tão poucas vezes estendemos para eles as nossas mãos – que não deviam nunca estar vazias de carinho -, nós somos os que devem ser lamentados porque não conseguimos, ainda, dar amor em troca de nada!

BEM-AVENTURADOS os que respeitam os meus pés deformados e as minhas mãos paralisadas;

BEM-AVENTURADOS os que compreendem o esforço que os meus ouvidos têm de fazer para perceber as suas palavras;

BEM-AVENTURADOS os que mostram saber que a minha vista já está confusa e o meu pensamento vagaroso;

BEM-AVENTURADOS os que, com um sorriso, me dão algum do seu tempo para conversar comigo;

BEM-AVENTURADOS os que nunca me dizem: já é a terceira vez que me conta essa história;

BEM-AVENTURADOS os que sabem levar-me a evocar recordações dos tempos passados;

BEM-AVENTURADOS os que me amam e me lembram que não estou abandonado;

BEM-AVENTURADOS os que, com a sua bondade, tornam mais leves os dias que me separam da minha chegada à pátria eterna;

BEM-AVENTURADOS todos os que nos ajudam e nos amam.

IDOSO ANÓNIMO

*

CARIDADE ESSENCIAL

“E a caridade é esta: que andemos segundo os seus Mandamentos. Este é o mandamento, como já desde O princípio ouvistes; que andeis nele.” – JOÃO (II,6)

Em todos os lugares e situações da vida, a caridade será sempre a fonte divina das bênçãos do Senhor.

Quem dá o pão ao faminto e água ao sedento, remédio ao enfermo e luz ao ignorante, está colaborando na edificação do Reino Divino, em qualquer sector da existência ou da fé religiosa a que foi chamado.

A voz compassiva e fraternal que ilumina o espírito é irmã das mãos que alimentam o corpo.

Assistência, medicação e ensinamento constituem modalidades santas da caridade generosa que executa os programas do bem. São vestiduras diferentes de uma virtude única. Conjugam-se e completam-se num todo nobre e digno.

Ninguém pode assistir a outrem com eficiência se não procurou a edificação em si mesmo; ninguém medicará com proveito se não adquiriu o espírito de boa vontade para com os que necessitam, e ninguém ensinará com segurança se não possui a seu favor os actos de amor ao próximo, no que se refira à compreensão e ao auxílio fraternais.

Em razão disso, as menores manifestações de caridade, nascidas da sincera disposição de servir com Jesus, são actividades sagradas e indiscutíveis. Em todos os lugares, serão sempre sublimes luzes da fraternidade disseminando alegria, esperança, gratidão, conforto e intercessões benditas.

Antes, porém, da caridade que se manifesta exteriormente nos variados sectores da vida, pratiquemos a caridade essencial, sem o que não poderemos efectuar a edificação e a redenção de nós mesmos. Trata-se da caridade de pensarmos, falarmos e agirmos segundo os ensinamentos do Divino Mestre, no Evangelho. É a caridade de vivermos verdadeiramente n'Ele pra que Ele viva em nós. Sem esta, poderemos levar a efeito grandes serviços externos, alcançar intercessões valiosas em nosso benefício, espalhar notáveis obras de pedra, mas dentro de nós mesmos, nos instantes de supremo testemunho na fé, estaremos vazios e desolados, na condição de mendigos de luz.

EMMANUEL

(In: VINHA DE LUZ, medium Francisco C. Xavier, ed. FEB., 27ª ed., capítulo 110)..

*